

Litescape.pt

**Vozes Transmontanas na Paisagem**  
**Paisagens de pedra e água**  
**na poesia de A. M. Pires Cabral**

Isabel Alves



## Ficha técnica

---

© 2013, FCSH/NOVA e autores

FCSH/NOVA, Editora da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas  
Avenida de Berna, 26 C, 1069-061 Lisboa

**Título:** Vozes Transmontanas na Paisagem.  
Paisagens de pedra e água na poesia de A. M. Pires Cabral

**Autores:** Isabel Fernandes Alves

**Fotografias:** A. M. Pires Cabral

**ISBN:** 978-972-9347-09-2

**Capa e design gráfico:** Paulo A. M. Oliveira

**Edição:** Dezembro de 2013

Este trabalho, enquadrado no projecto “Atlas das Paisagens Literárias de Portugal Continental” e coordenado pelo IELT - FCSH, foi também financiado por Fundos Nacionais através da FCT - Fundação para a Ciência e Tecnologia no âmbito do projecto PEst-OE/ELT/UI0657/2011.

Litescape.pt

**Vozes Transmontanas na Paisagem**  
**Paisagens de pedra e água**  
**na poesia de A. M. Pires Cabral**

Isabel Alves





## Índice

---

A paisagem	6
A. M. Pires Cabral: o poeta da paisagem	10
Paisagens de pedra e água na poesia de A.M. Pires Cabral	13
Bibliografia	26
Nótula bio-bibliográfica	27

## I – A paisagem

---

A paisagem na poesia de A. M. Pires Cabral (Chacim, 1941) traduz o encontro do homem e do poeta com a região de Trás-os-Montes. É, além disso, um meio através do qual se dá o seu encontro com o mundo. A paisagem, como é entendida nesta reflexão, não pertence apenas ao domínio daquilo que é geográfico, físico, exterior; pelo contrário, a paisagem representada nos poemas de Pires Cabral é entendida como uma inscrição da intimidade, das convicções mais profundas e dos princípios mais enraizados no espírito do poeta. Neste sentido, o ponto de partida deste trabalho é a convicção de que o mundo natural é uma força que molda a identidade e a psicologia - do indivíduo e do grupo. Parto depois para a leitura da obra poética de Pires Cabral em geral, de *Os lugares e outros poemas* em particular, tendo presente a interacção entre os lugares que o poeta habita(ou) e aqueles que moram na sua poesia.

Importante nesta reflexão é o trabalho-video realizado na primavera de 2012 e que procura articular alguns aspectos da poesia de Pires Cabral com o tema da paisagem e a representação do lugar nos seus poemas.<sup>1</sup> Assim, e na sua generalidade, este trabalho encontra em “O Livro dos Lugares”, inserido em *O Livros dos Lugares e Outros Poemas* (1999), a sua principal matriz. É igualmente meu objectivo sublinhar o modo como uma leitura atenta dos poemas de Pires Cabral resulta numa redescoberta do(s) sentido(s) do(s) lugar(es), algo que, segundo Luisa Bonesio, se torna imperativo no mundo globalizado actual, “no qual as diferenças culturais e a rugosidade natural [são] anuladas numa superfície lisa e contínua” (Bonesio 203). Os lugares representados na poesia de Pires Cabral são a imagem de reentrâncias e vincos de uma paisagem há muito definida pela aspereza, isolamento e solidez. Evidenciam a existência de uma relação de pertença identitária.

Para melhor se entender o conceito de paisagem sigo as palavras de Jean-Marc Besse no livro *Ver a Terra: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia* (2006). Nesta obra, Besse conduz o leitor pela ideia de paisagem, revelando: “A paisagem começa na arte com as primeiras angústias da consciência metafísica, aquele que se inquieta de repente com a sombra que se mexe sob as coisas” (Besse viii). O filósofo lembra também que ‘paisagem’ é um termo que encerra uma forma de violência, pois ao pensar-se a paisagem está a pensar-se também na desvinculação de um todo que é a Natureza. Nesse sentido, paisagem é a “individualização das formas da vida na cultura das sociedades modernas” (ibidem). O indivíduo deixa de pertencer ao todo que é a paisagem, o mundo relacional que o envolve, para se aperceber de que é já um olhar único – e distante – desse todo primordial. Jean-Marc Besse lembra ainda que nas formas da paisagem existe a parte invisível do espaço, aquela que bordeja e extravasa constantemente o visível, sugerindo que nas margens da paisagem existe sempre mundo: o horizonte como promessa e, mais perto, “os traços do mundo”. Daí, sublinhar: “A paisagem é atormentada pelo infinito, e talvez, no fundo, esta insistência, esta presença transbordante do infinito no finito, seja a força mais íntima da experiência paisagística” (ibidem). Resumindo, na paisagem existe o infinito a par do finito, e ler a paisagem exige uma atenção ao exterior, mas também ao interior e íntimo, “essa insistência do infinito no finito “ (Besse ix).



Malta, aldeia miniatural

Esta noção de paisagem é importante na caracterização de um poeta como A. M. Pires Cabral, pois o seu labor poético está enraizado num local – o nordeste transmontano. A fisionomia de toda a região de Trás-os-Montes é forte, não engana nem confunde. Vergílio Taborda, em *Alto Trás-os-Montes* (2011), divide-a em região norte e uma região sul, duriense(4).<sup>2</sup> Distinta é a região norte transmontana. Segundo Taborda esta é constituída por “terras

mais altas, desdobrando-se em montanhas e planaltos montuosos, um clima rigoroso de invernos frios e verões quentes, variado até ao infinito consoante as circunstâncias de relevo e exposição, húmido e pluvioso a oeste, mais seco à medida que se caminha para a fronteira oriental” (5). Trás-os-Montes tem como fronteiras naturais a poente os maciços de Gerez-Cabreira, a sul, os de Alvão-Marão, e a norte e a leste Espanha. A área é caracterizada por “um solo granítico e arcaico, magro e descarnado nas partes altas, de maiores aptidões agrícolas nos vales” (Taborda 5), onde o centeio e a batata surgem como culturas predominantes. Embora Taborda rejeite os termos Terra Fria e Terra Quente para distinguir, dentro do Alto Trás-os-Montes, norte e sul, pois vê nesta nomenclatura reflexos de uma linguagem popular (6), Orlando Ribeiro, por seu lado, utiliza-os quando se refere à influência que o rio Douro e os seus afluentes exercem sobre parte da região: “Diferença de altitude, diferença de clima, que as expressões Terra Fria e Terra Quente tão bem evidenciam” (150).<sup>3</sup>

A Terra Quente, a paisagem primordial de A. M. Pires Cabral, junto à serra de Bornes, é caracterizada por um solo de xisto precâmbricos e um clima peculiar de verões muito quentes e uma secura acentuada (Taborda 4). É também definida como sendo uma terra mista, pois condições especiais de altitude e exposição geram aí aspectos peculiares de clima, vegetação e culturas. Nestas terras, que recebem o hálito de vales propriamente durienses (Taborda 15), predominam a vinha, a oliveira e a amendoeira e com elas o centeio também. De clima excessivo, é uma região de carvalhos, tojos, giestas, carqueja e urze, aqui e além, e sobretudo nas paisagens xistosas do Tua, pintalgados pela flor e cheiro inconfundíveis da esteva. A contrastar com a dureza e altura dos montes, surgem os pomares, as hortas, os soutos - espaços mais próximos do homem e da sua fome. De referir que a propriedade é, na sua maioria, “de pequena superfície e fragmentada” (Taborda, 155) e, como refere Vergílio Taborda, a apropriação do solo revela a alma do transmontano – “um ser com sede e fome de terra” (157). No que respeita o povoamento, pode-se falar de uma arquitetura da solidariedade; temendo o frio e a solidão, as casas juntam-se umas às outras, formando grupos compactos de aldeias e lugares. Estes aglomerados de pedra têm, muitas vezes, como razão da sua existência,

estarem perto da água, uma aliança íntima (203) e frequente. É perto da água que existem as boas terras: os solos mais frescos e fundos das veigas, a terra fértil das hortas, espaços que, no todos, evidenciam um entendimento entre o



homem e o local onde vive.

Nestas linhas gerais sobre Trás-os-Montes quero ainda assinalar que pelo facto de a região ter tido acessos rodoviários escassos até finais do século XX e ter permanecido isolada no tempo e no espaço durante séculos, os métodos agrícolas primitivos persistiram ao longo de muito tempo, muito tempo depois de o progresso e a sociedade tecnocientífica ter tomado conta do quotidiano de grande parte de europeus e portugueses. O arado, por exemplo, é ainda um companheiro do agricultor, embora cada vez mais em desuso. Os animais, nomeadamente bovinos, ovinos e caprinos, fonte importante de rendimento noutros tempos, vão desaparecendo também. Resta a população, envelhecida e silenciosa.

Do exposto, reforço a ideia de que nesta reflexão pretendo analisar as paisagens literárias de Pires Cabral, cuja poética assenta fortemente nos lugares da região transmontana, sublinhando a relação entre o sujeito lírico e as especificidades do lugar, ou seja, os seus aspectos físicos e culturais.

Nas últimas décadas, e não só nos estudos literários, mas também na arquitetura, na ecologia, tem-se assistido a um crescente interesse por questões relacionadas com a categoria do lugar e com o(s) sentido(s) que a pertença e identificação com um determinado lugar pode trazer para a leitura de um texto, de um autor, de uma região ou país. Como refere Michael Kowalewski, este fenómeno deve-se à confluência de situações, nomeadamente na união que regiões, cidades e comunidades necessitam manter para acederem a fundos económicos, e na forte influência que o movimento ambiental tem exercido sobre a compreensão do lugar como categoria literária, algo que permite inquirir sobre o modo como um escritor vê física e imaginativamente a vida humana associada a um determinado local. Ou seja, esta crescente atenção conferida ao 'lugar' reconhece a existência de um processo de interdependência: que o lugar influencia a imaginação do autor, e que a acção humana molda e modela os espaços envolventes. O facto de os escritores lidarem imaginativamente com os lugares revela-se importante para a compreensão do território local, promovendo o desenvolvimento de uma intimidade entre o ser humano e o(s) lugar(es) onde vive. Algo importante, pois como refere Kowalewski, "esta relação é baseada no conhecimento e no respeito pelos aspectos físicos de uma paisagem, sejam eles a geologia, a hidrologia, a biologia ou as condições

climatéricas” (182). A par destas considerações sobre o espaço físico, o escritor tem no centro das suas preocupações as gentes, as histórias e os mitos que exprimem esses lugares. Para Kowalewski, é este o material com que se pensa uma região, um lugar (ibidem). Além disso, o lugar chega ao indivíduo essencialmente através dos sentidos, é emoção. As especificidades de um lugar, juntamente com as emoções aí vividas, são depois armazenadas na memória. Assim, as paisagens que se modificam com o decorrer do tempo e da erosão permanecem intactas e vivas na memória do poeta, a elas recorrendo na composição do poema, da vida, da história.

A poesia de A. M. Pires Cabral é exemplo desta interdependência entre o lugar e a imaginação; é um território literário que se faz da interligação entre a geografia de um lugar e da comunidade que o integra, uma comunidade que, tal como Aldo Leopold sugeriu, inclui, para além do ser humano, o solo, a água, as plantas e os animais (Leopold 190).

## II – A. M. Pires Cabral: o poeta da paisagem

---

Pires Cabral desenvolve com as paisagens de Trás-os-Montes uma relação de interdependência: os elementos da paisagem dão-lhe em beleza e em silêncio o que ele devolve em palavras e formas depuradas. Refiro este aspecto porque não se trata meramente de *falar sobre* ou ser a voz de uma região; o autor de *Solo Arável* (1976) é um escritor de qualidades reconhecidas, tendo sido agraciado com os prémios: Círculo de Leitores (1983) por *Sancirilo*, D. Dinis (2005) por *Douro: Pizzicato e Chula* e *Que comboio é este*, o Grande Prémio Literatura dst atribuído a *O Cónego* (2008), Luís Miguel Nava com *As Têmporas da Cinza* e pela obra *Arado* o Pen Clube Poesia (2009). Em 2010 é-lhe atribuído o Grande Prémio de conto Camilo Castelo Branco pela obra *O Porco de Erimanto e Outras Fábulas* (2010). O valor da sua obra justifica-se não apenas da pela originalidade, mas pelo trabalho exercido sobre a forma poética e sobre o estilo. Em relação ao labor poético, Pires Cabral não diz apenas a sua região, ele compõe-na, forja-a, molda-a nos seus versos. Quer isto dizer que a paisagem, as gentes e os animais não surgem como mera enumeração, mas antes são sustentados pela métrica, pela cadência, pela qualidade e peso de cada palavra. São, além do mais, interpelações de outros versos, de outros autores. Em Pires Cabral a realidade da terra transmontana é vista a partir da mística e do mistério em S. João da Cruz, por exemplo. Ou, ainda, medida

em termos do seu gosto pela elegância e formalismo clássico. Por outro lado, Trás-os-Montes não deixa de ser também o chão onde confluem outras vozes literárias que o escritor aprecia – Guerra Junqueiro, Camilo Castelo Branco, Miguel Torga.



A igreja é tudo o que resta de S. Miguel da Pena

Pires Cabral define-se como um poeta marginal, que aprecia o excesso e a interioridade.<sup>4</sup> Qualquer um destes termos mantendo um fio de ligação entre a terra que vê como sua e essa outra paisagem, mais íntima e mais pessoal, que constitui a sua identidade. ‘Marginal’, da margem, terra mais solta e mais bravia que deixa medrar os frutos mais livremente, faixa de terreno rico em biodiversidade, perto da água, indiciando que a sua é uma voz à margem das grandes massas, um espaço que deliberada e assumidamente se escolhe e se aceita:

aqui e agora assumir do nordeste  
a voz hostil. [...] Assumir o Nordeste. Urgente. Em duro exemplo vivo. [...] Teimar com mansidão. Como se nunca o peito aberto me doesse.<sup>5</sup>

Excessivo porque a terra de onde lhe nascem os versos não sabe outra medida – “o duro inverno – os corpos nus à chuva ao suão/à nortada devassando enxergas corações/ à geada nos ossos nas orelhas” (*Antes* 45) e “o verão - soprando bafos de fogo” (*Antes* 47). Mas também ele próprio “um homem excessivo”, com interesse por tudo aquilo que “extravasa a normalidade”.

Mesmo quando se trata da terra: “tenho um apego extremamente obsessivo em relação a ela” (Autoviaggiado). Essa terra que vive da interioridade – longe do bulício, perto do silêncio, mas que se afirma como o território por excelência

do poeta – terra tumultuosa, feita de angústias e de incertezas – “passeio pela dúvida apreensivo e lento” (*Antes* 66).

Pires Cabral escreveu poesia, romance, conto, teatro, ensaio, crónicas. Um homem que vive para a palavra, através da qual procura reflectir uma “gradidão primordial” – à terra, às gentes, aos animais, ou seja, “à terra que o modelou” (Autoviagiado). Mas não se crê regionalista – “antes um escritor nacional que se ocupa de temas regionais”. Antes de tudo, são os grandes sentimentos aquilo que verdadeiramente lhe interessa.

O escritor em causa já experimentou vários registos, mas o que melhor o define é o da poesia. O seu primeiro livro de poemas, publicado em 1974, foi *Algures a Nordeste*, com o subtítulo “Catálogo de feios, simples e humildes”.

A este propósito, salienta Joaquim Manuel Magalhães que o uso do vocábulo “catálogo” ilustra os diferentes “quadros de real com que faz a cobertura humana de uma série de situações e objectos ligados à vivência comum do Nordeste”. E acrescenta: “Vivência essa, porém, que a construção verbal arranca para um plano que se torna emblemático de qualquer local onde a vida e os homens resistam” (160). Publicou ainda *Solo Arável* (1976), *Trirreme* (1978), *Boleto em Constantim* (1981) e *Os Cavalos da Noite* (1982) antes de se dedicar, durante quase duas décadas, ao romance e ao conto (*O Diabo Veio ao Enterro* 1985, *Crónica da Casa Ardida*, 1992, por exemplo). Em 1999 publica *O Livro dos Lugares e Outros Poemas*; a partir daí, tendo embora continuado a publicar romance e contos, “o recheio dos seus dias” (*Antologia*, 307) é preenchido essencialmente com poesia. *Como se Bosch tivesse Enlouquecido* surgiu em 2003 e *Douro: Pizzicato e Chula* em 2004; seguiram-se: *Que comboio é este* (2005), *As Têmporas da Cinza* (2008), *Arado* (2009) e *Cobra d’Água* (2011).

Em toda a sua obra Pires Cabral cultiva uma arte próxima dos lugares que constituem a sua geografia poética, mas dialogando paralelamente com a transcendência, aspirando à transfiguração dos lugares e das coisas. A sua obra traduz também uma muito particular reflexão sobre a morte. Numa entrevista à revista *Ler*, em 2008, Pires Cabral afirma que o agulhão da sua poesia é a morte. Próximo de autores tais como Miguel de Unamuno, Antero de Quental

ou Miguel Torga, Pires Cabral é, neste sentido, um poeta do sentimento trágico da vida, da consciência dilacerada pela dúvida e pela angústia (*Ler* 33).

Este é, em traços largos, o poeta que aqui apresento, um poeta que na entrevista acima referida assume que mantém uma ligação muito forte à terra; nas suas palavras: “quanto mais próximo estiver dela, mais realizado e menos angustiado me sinto”. Refere-se, claro está, a Trás-os-Montes, uma paisagem com alma (Unamuno 19), uma paisagem que, para o poeta, tem dentro o infinito e a transcendência, o mistério da vida. Paradoxalmente, nessa mesma entrevista, Pires Cabral apresenta a sua arte como aquela que “tenta trazer a poesia para o rés das coisas” (*Ler* 30). Neste sentido, pedra e água são imagens essenciais do seu apego ao que vive rente à terra, e daí poderem sintetizar o seu envolvimento com os elementos naturais. Mas, como se disse atrás, pedra e água são também símbolos da imobilidade e da flexibilidade, aspectos que na poética de A.M. Pires Cabral inscrevem o movimento criativo entre o mundo interior e exterior.

### III- Paisagens de pedra e água na poesia de A.M. Pires Cabral

---

Tendo por base o território de Trás-os-Montes, escolhi falar de paisagens de pedra e água na poesia de Pires Cabral a partir de um texto do autor sobre “as puríssimas alturas” de Trás-os-Montes, publicado no jornal *Expresso* em 1995. Ao texto deu o título de “água ágil pedra estável” (*Antologia* 13) e nele fala sobre a região e sobre as suas gentes.<sup>6</sup> Escreve, sobretudo, sobre a ligação entre terra e gentes: “em nenhuma outra parte homem e lugar se soldam tão íntima e prodigiosamente” (*ibidem*). Nesse texto refere que o transmontano se rege por dois impulsos – contraditórios e complementares. Assim, sugere que o transmontano age determinado por um forte sentimento de individualismo, o elemento da demasia, da impulsividade, da arrogância, da valentia, da obstinação. São estes sentimentos que forjam o apego feroz à terra e, por extensão, explicam o minifúndio, a desconfiança do associativismo, a autosuficiência, em suma “tudo o que significa a prevalência do *eu* no seu diálogo com o *tu*” (*Antologia*, 14). Mas, por outro lado, o transmontano é também um indivíduo definido pelo instinto comunitário: “é ele que nos aproxima do outro e impede que o nosso individualismo degenere em egoísmo”. Como explica o autor de *Algures a Nordeste* (1974), este impulso comunitário é “gerado pelos medos ancestrais: medo da fome, da miséria, da doença, do beleguim, da

solidão, da intempérie, do lobo”. Nesta região, “o *eu* retorna ao *nós*, o *outro* ganha dignidade de embarcado nos porões da mesma barca, ombro com ombro” (*ibidem*) Individualismo e comunitarismo, os dois pólos sobre os quais giram a identidade transmontana, ou, nas palavras do poeta, “os dois outros nomes do verão e do inverno” (*ibidem*).

A paisagem desmedida da região tem por base os aspectos geográficos concretos já enumerados e, para o poeta, essa é também a origem de características desmesuradas que definem o indivíduo: “nós, os excessivos transmontanos, nascemos excessivamente longe. Um rio e uma cadeia montanhosa separam a nossa terra do resto de Portugal. E nós somos esse rio, feito de mil rios e riachos, e essa montanha, feita de mil serras e colinas. (...) O rio: a água rumorosa e ágil. A montanha: a pedra estável e grave. A água - aventureira. A pedra – taciturna. Água e pedra. Nós: os andarilhos das sete partidas e os obstinados prisioneiros da gleba.” (*Antologia* 15). Para o poeta está é uma terra dúplice: terra de vinho, terra de água, terra de azeite, terra de pão, terra de luz (...) mas terra também de horizontes austeros, imutáveis, opressivos, que asfixiam sonhos e incitam à retirada” (*ibidem*). Mas os que nela nascem, crescem e morrem com esta terra agarrada ao corpo e ao espírito: “trazemos as unhas sujas dela, os olhos namorados dela.” E, por isso, remata Pires Cabral, esta terra é-nos inevitável – obriga os que imitam a pedra e a vivem por dentro, e obriga os que imitam a água e a vivem por fora. Isto é: os que a amam em presença e os que a amam em memória” (*ibidem*).

A leitura que aqui se faz dos lugares literários de Pires Cabral tem por matriz a sua paisagem cósmica, a sua Terra Mater, um sítio onde um caos primitivo dará lugar à luz. E aqui entramos já na dimensão metafísica que Besse referia atrás – a insistência do infinito no finito. Esta paisagem, lugar de água, pedras, ventos, vegetação, mas também de homens e animais, é o solo arável e poético de A.M. Pires Cabral. A sua poesia nasce aqui - as palavras, ainda soltas, moldam-se no contato com a concretude destes lugares, mas depois afastam-se do chão para ser outra coisa, para ser essencialmente um lugar para o espírito dos homens.



Douro, uma manta de retalhos verdes

O *Dicionário de Símbolos* de Alain Chevalier e Alain Gheerbrandt expandem o significado e o simbolismo destes dois elementos: a água – fonte de vida, lugar de revelação, palavra viva; a pedra – Terra mãe, presença real, sedentarização. Termos que revelam os pólos em que se situa a matéria poética de Pires Cabral: fundada num corpo, na terra mãe que ele canta desde o primeiro poema no seu primeiro livro de poesia, ela moldar-se-á no encontro com a palavra viva, com a dimensão transcendente das formas – a chuva, a neblina, a neve. Quando se fala em elementos naturais – a terra, o rio, as pedras - está presente a silepse, ou seja, os elementos surgem em sentido próprio e figurado. Por exemplo, quando fala das pedras da Sé de Miranda – “estas pedras não são vazias de sentido” ou quando refere o rio – “por este rio acima,/ por este homem abaixo”. O universo natural presente na poesia de Pires Cabral é simultaneamente um convite a que se olhe atentamente o que nos rodeia, que se possa inscrever na rotina dos dias os companheiros naturais que acompanham o ser humano, e um convite a que se entre, com humildade, num mundo outro, e que, através da imaginação, se dilate a capacidade de empatia para com os outros, sejam eles humanos ou não humanos.

Em *Paisagens Originais*, Olivier Rolin refere que se por um lado os escritores “ao longo da vida nunca deix[am] as paisagens da infância” (*Olivier* 7), comenta, por outro lado, que as suas obras não têm apenas uma origem, mas um emaranhado de origens, paisagens por onde a memória se espria e descansa (9). O poeta que hoje me ocupa, embora enraizado num local concreto, é, no entanto, um colecionador de paisagens. Se não há dúvidas sobre a paisagem original do poeta, a primeira, ao longo da vida Pires Cabral foi acolhendo outras paisagens. O Alvão é uma delas e, por perto, o Douro.

Em *O Livro dos Lugares e Outros Poemas*, 1999, o poeta volta a abeirar-se dos lugares que foi fazendo seus. Não que nos livros de poesia

entretanto publicados fosse esquecendo o mundo do nordeste, mas este esteve mais adormecido. Em *O Livro dos Lugares e Outros Poemas*, surge, na primeira parte, uma alusão aos lugares que de uma ou outra forma percorrem toda a sua obra (poética e não só): Alvites, rio Tua, Banrezes, na zona de Bornes, Serra do Alvão, S. Miguel da Pena, Castelo de Aguiar, próximos de Vila Real, e o Douro, nomeadamente a Quinta do Noval, e os miradouros de Penedo Durão e São Salvador do Mundo. O mundo a que aqui faz referência, como já se disse, fez parte dos seus primeiros poemas e voltará a sê-lo com *Douro: Pizzicato e Chula* e muito particularmente com *Arado*, obra em que o autor regressa ao nordeste. Disso é exemplo “Algures a Nordeste Parte Dois”, poema dividido em três partes, e que dá conta da passagem do tempo, das transformações, das ruínas e das plantas ruins, de “uma angústia funda, como se/nem sequer restasse já/a mínima memória do Nordeste” (*Arado* 16). Mas na terceira parte do poema, a revelação:

Ah, mas eu mantenho-me fiel.  
Como um cão dormido no seu ninho,  
redondo de sono,

assim eu me enrosco no Nordeste  
e respiro contente o que dele ficou,  
por pouco ar que seja. (*Arado* 17).

No primeiro livro de poesia, *Algures a Nordeste* (1974), encontra-se, como pórtico, o poema “Terra-Mater” e o primeiríssimo verso: “Desço à terra. Invento a resistência/ e o cântico diurno.” (*Antes* 9) (...) “a terra é urgente: ela me fabricou”(...) “Em tudo eu senti que, terra, estás presente”. “Terra Mater” é um poema que termina com dois pontos, figuração de que tudo o que o poeta disser dali em diante será, direta ou indirectamente, sobre essa matéria – a (sua) terra. Como se refere nesse primeiro verso, em atitude de humildade e de proximidade, o poeta desce à terra, ao corpo onde encontrará as formas viventes da sua poesia – água, pedra, plantas, homens e bichos.

Começo por sublinhar a existência da pedra, elemento basilar da região de Trás-os-Montes, que caracteriza não apenas a paisagem física, mas também a dureza da vida das gentes. Assim, desde os seus primeiros versos, o poeta avisa: “Têm um sentido as pedras que contemplo” (*Antes* 43). Refere-se às pedras da Sé de Miranda, as que “tisdadas, dominam a cidade, devoram/ as almas mansas a arder semanalmente,/cobrem no chão os ossos dos que



foram/desta vida a outra sem lugar.” E o poeta repete: “Têm um sentido” (*Antes* 44). As pedras, como as palavras, são o material primeiro - o solo de onde nascem as formas: da catedral, do poema. Importa aqui sublinhar que a pedra como elemento estável, que permanece, que resiste aos ventos, é um elemento que atravessa a obra poética de Pires Cabral, seja na sua forma natural ou a sua presença na construção de catedrais, igrejas, castelos. Por outro lado, a estabilidade da pedra acentua o silêncio e a interioridade das paisagens que seduzem o poeta. E, por isso, têm o valor de sugerir o carácter introspectivo do sujeito poético. Em *Solo Arável* (1976), o verso: “Que ficará de mim? Me eis rumo às pedras,/clamando sempre que da estreita viagem/não deixo monumento” (*Antes* 93). Neste sentido, a pedra é o estádio final do corpo que sentiu, que dormiu “desperto nos braços da alegria” (*Antes* 93) e, ao mesmo tempo, material do monumento que não deixa. Diz o sujeito que não deixa monumento; antes, que deixa “sulco nunca de todo aberto,/[] fluxo ininterrupto de rasgados/sentimentos” (*Antes* 94). Ou seja, a transitoriedade da vida leva-o a tornar-se pedra, a transformar-se em algo natural, sujeito aos elementos, rejeitando, aparentemente, a ideia de grande obra, contrapondo a efemeridade da vida humana e o tempo geológico, o tempo vivido por dentro. Mas a pedra é também imagem da interioridade do sujeito, sobretudo daquele que resiste: “somos fracos, de pedra e com fissuras”. Porém, completa o poema afirmando que nada o comove tanto “como esta pétrea, frágil, estalada/ / estrutura alumando.” (*Antes* 195). Pedra estável, resistente, luminosa. E por isso a elas tem regressado; afinal, como diz num dos seus últimos versos: “sei de lugares onde há pedras que conversam comigo” (*Arado* 61).

Em *O Livro dos Lugares e outros* poemas - lugar poético que sintetiza as suas paisagens – surgem castelos erguidos em pedra e em silêncio (Castelos de Aguiar e do Algosó), aldeias abandonadas como Banrezes, onde persiste o “intérmino, pardo, desleixado xisto” (*Antes* 247), minuciosos patamares durienses e lugares que, de tão alto, são apelo à imaginação (*Antes*, 243).

O poema “Alvites” pretende assinalar a associação de um lugar específico à sua infância e adolescência – a terra aqui uma analogia para um tempo de aprendizagens e descobertas – do corpo, do tempo, esse que se escoia “entre uma oliveira/ e outra oliveira” (*Antes* 243). O que de outra forma seria apenas um relevo, uma topografia, torna-se uma entidade com a qual o poeta constrói uma unidade única, ética, com a qual constroi uma intimidade, um sentimento de pertença. Prestando atenção aos cheiros, aos sons, às

texturas, o poeta, praticando a inclusão, deixa de estar sozinho, tornando-se uno com a paisagem.

Numa sequência cronológica, segue-se o poema “Serra de Bornes”. Inscrita na sua poesia desde a primeira obra publicada, é nos contrafortes desta serra que se aloja a aldeia onde nasceu, Chacim, em 1941, mas também outros lugares de eleição, como seja o caso de Malta. A “serra de Bornes” é um “colosso deitado”, “um celeiro cativo,/ uma indivisa fábrica de pão,/ um pomar, um souto, uma coutada – /todos em algemas.” (*Antes* 42) Uma serra que representa o pão, ou seja, a matéria que concretamente mata a fome, mas que é também, como se dirá mais tarde em *Arado*, “a única resposta idónea para a fome/ eterna, aquela que não de deixa iludir /por nenhum pão // - e por isso [o] traz/ morto de fome” (*Arado* 18). Alimento terreno e espiritual, a serra de Bornes é o lugar de regresso de todas as viagens.

Por seu lado, Malta é o regresso à memória; aldeia pequena, parada, encostada à serra, feita de tempo e de silêncio, ou, nas palavras do sujeito lírico, “pequena,/ as casas negras e o chão de lama” (*Antes* 40).<sup>7</sup> Esta é uma paisagem onde o poeta descansa, onde recobra energia e palavras para, de novo, voltar a dizer o mesmo mundo com renovadas palavras. Há ali uma emanção de espiritualidade, reminiscências de um mundo primevo:

em Malta a comovente vejo cabras  
como em rebanhos de velho testamento  
roendo cardos os mesmos de há milénios  
inquietas farejando um novo redentor (*Antes* 39)

Ali se encontram as memórias do tempo da infância, e o poeta regressa sempre aos lugares felizes daquele tempo: “eu podia falar de muitas terras. Escolho Malta” (*Antes* 40). No poema “Malta” esta encontra-se “Recatada numa dobra/ da serra desabrida/como pérola na ostra se contém”, uma visão antiga, distante, e que por isso tem de ser olhada para “além das névoas, da neve,/dos soutos, das giestas e das fragas” (*Antes* 246-7). Malta é o encontro com os elementos, com a parte mais bravia do poeta, com as rugosidades do mundo. Lembrando aqui de novo o pensamento de Jean Marc Besse, poder-se-ia dizer que o poeta se aproxima das coisas, vivendo a “experiência como graça” (*Besse* 106), ou seja, deixando-se afetar pelo encontro com a paisagem, deixando de distinguir o interior e o exterior: “dá-se a inserção no grande acontecimento do mundo e

[descobre-se] a presença deste acontecimento em nós” (ibidem).

E esse parece ser também o desígnio de S. Miguel da Pena, um local perto da cidade onde vive, Vila Real. De novo, um alto lugar, um ‘líquido lugar’ que permite ao sujeito lírico ‘soltar os pensamentos’:

De ciência alguma não te ufanas,  
 enquanto não puderes explicar  
 por quê exactamente aqui,  
 neste tão ermo, líquido lugar,  
 se te soltam e embaraçam  
 pensamentos  
 como inimigos que se abraçam<sup>8</sup>

Esta é uma das paisagens que proporciona uma sensação de totalidade – ou seja, o encontro pleno, enredado, da paisagem e do *eu*. Interessante é o facto de S. Miguel da Pena ser um lugar de pedra e o sujeito do poema o definir como um ‘líquido lugar’, ou seja, o encontro do poeta com a pedra nativa transfigura a matéria prima, tornando-a aérea, fluida, substância que se molda aos ventos da imaginação e da criatividade.

E se neste poema a pedra é fluidez, em “Serra do Alvão”, Vila Real, é a presença da pedra que o toca: estabilidade, materialidade, resistência. Serra que “segreda as leis universais/ também segrega pedra”. É a parte monumental das esculturas naturais que o seduz, mas é também o silêncio onde, diz a voz do poema, “a parte menos estável/ menos dócil” (*Antes* 248) ganha voz. É, afinal, um sinal de amor por Trás-os-Montes; imitando a pedra - resistindo - o poeta dá um exemplo da sua dedicação e do conhecimento das adversidades. A pedra, quando presente na sua obra, indicia a aspereza do território, o peso da enxada; matéria prima que representa a resistência contra o clamor do sol e da intempérie, é também símbolo da força da palavra poética. Quando em “Tu que nos deste”, o sujeito poético pede a indiferença: “longa, fria, auspiciosa (...) / Como a que deste às pedras” (*Têmporas* 54), entende-se, depois, que se pede a concessão de um modo de resistir: “Para que passem/ carroças sobre nós – e nós a assobiar” (ibidem).

Depois da pedra, a água. A água é elemento essencial à origem da vida: “a princípio a chuva/ é como árvore delicada e mansa// para a terra que

esperou meses que viesse” (*Antes* 48). Em oposição à rocha granítica, a água vive do movimento, da instabilidade; tal como ela, vive de um tempo contrário à brevidade da vida humana. A condição mortal do ser humano mede-se de novo com os grandes movimentos cósmicos – a ciclicidade das chuvas, a sucessão dos meses, a alternância entre o dia e a noite. A presença da água surge na poesia de Pires Cabral essencialmente ligada a dois cursos de água – O rio Tua e, muito particularmente, o rio Douro. Em relação ao Tua, escreve: “infunde, ó rio, a líquida dedada, /a marca enorme do que passa devagar/no sal e no fermento do destino/terrestre de quem vive/e morre ribeirinho” (*Antes* 244-5). Mas é o rio Douro o curso de água que ocupa mais espaço no imaginário do poeta. Em *O Livro dos Lugares*, ele é a “complacente/benévola testemunha” (*Antes* 246), “um rio penitente/que cavou o próprio abismo/com a sua unha”. Mas é em *Douro: Pizzicato e Chula*, um longo poema sobre o Douro, a sua paisagem e gentes, que o rio se torna centro axial do seu labor poético. Mais uma vez, o poeta detém o nosso olhar, em primeiro lugar sobre as coisas, os seres que habitam em redor do rio: as aves, os povoados, as vinhas, os mortórios. Esta é uma poesia que nasce da experiência, do rio e das suas escarpas – o natural e o construído. Aqui surge sublinhado o valor da água:

cansado de pairar  
nestes transe de lirismo  
que me escaldam sem me purificar,  
prefiro a água propriamente dita:  
água com peso,  
esta boa água, sólida, palpável (...)(*Antes* 329).

O sujeito poético valoriza aqui a água real – boa, sólida, palpável -, a que mata a sede e a que rega os campos. Ecoa nestes versos a realidade de Trás-os-Montes, região onde existe “uma íntima aliança da água e do habitat humano” ( Taborda 203). É essa água “sólida”, real que o poeta ama em primeiro lugar. Mas ao poeta, porém, não o move a simples enumeração; move-o a forma, a beleza, a finalidade da matéria, do poema. Assim, serve-se de palavras que compoem a paisagem do Douro para ir construindo a sua própria paisagem poética. No poema “Pizzicato e Chula”, o início do poema cria a paisagem:

nas frinchas entre penedos  
nascem amieiros, miraculosamente  
prevalecendo contra

a constrição da pedra.  
 Vêm-se pequenos areais inacessíveis,  
 pequenas enseadas  
 onde cobras de-água nadam com fragor  
 e o bater das ondas incessantes  
 vai mastigando a margem. (*Antes* 340)

Mas logo o poeta acrescenta: este “não é um lugar vão. É uma forja/ de árduas evidências.” Ou seja, neste lugar os amieiros nascem apesar do chão de pedra, e as águas moldam as margens. Mas os versos antecipam um outro movimento, uma outra transformação: atento ao que diz a paisagem, o poeta irá ler o seu destino. Em contacto com esta paisagem, também o sujeito se forja e se altera; também nele cresce a consciência da sua alteridade – malho e bigorna, passo de chula e *pizzicato*. Há no poema o sujeito que contempla, mas, ao mesmo tempo, o *eu* que constrói uma paisagem de palavras, que, tal como os socalcos e os muros desta região, exige trabalho árduo, entrega máxima. Mas insisto nos versos: “não é um lugar vão. É uma forja/de árduas evidências”, pois eles sintetizam o valor da paisagem para o poeta – ela diz, mas, para além disso, acrescenta. A leitura atenta da água revela não só as evidências de um lugar, a sua superfície, mas é também revelação dos “lodos, limos, lesmas” (*Têmporas* 68) das águas subterrâneas. E por isso é necessário atentar no(s) sentido(s) da água – ela é espelho da paisagem circundante, mas é-o também da alma do poeta: “não sinto que subo o rio:/sinto, em vez disso,/ que o rio me sobe a mim” (*Antes* 321). Ou: “viajando embora por este rio acima,/ bem vistas as coisas,/é por mim abaixo que viajo” (*Antes* 350). A água é aqui a corrente, o meio, que permite a fusão do *eu* e do mundo, a união entre o finito e o infinito referido por Besse no início deste texto. A água - elemento natural e símbolo: é a esta capacidade de se situar “sempre entre dois mundos” que, segundo António Guerreiro, confere à poesia de Pires Cabral “uma singular capacidade de traçar caminhos menos comuns” (Guerreiro 165).

Em *As Têmporas da Cinza*, surge “Elegia do Douro”, um conjunto de doze poemas sobre o rio. Tal como em *Douro: Pizzicato e Chula*, os poemas tomam o Douro como tema e símbolo, para de forma breve e intensa se questionar uma vez mais a fragilidade da vida humana e a precariedade do versos se comparados com a força da água: “Tenho a voz extenuada de saudar/ a água que nunca se detém:/ salve, ó cheia de pressa” (*Têmporas* 62). A ideia da morte e do desaparecimento atravessa todos os poemas: “A água é

um destino/ fraudulento. // Nela se morreu ao clarão/ de sonhos imoderados.” (*Têmporas* 65). A água como figuração de um destino apanhado nas malhas de uma geografia difícil:

Também a raia seca  
tem seus riscos  
e navalhas emboscadas.

Mas agarra-se melhor  
aos pés do emigrante.  
Não molha tanto o corpo,  
não desequilibra tanto.

Terra é terra,  
água água. (*Têmporas* 67)

A figura do emigrante faz parte da paisagem poética de Pires Cabral desde o seu primeiro livro, acentuando a ideia de que a sua poesia assenta numa geografia difícil, e ilustrando as palavras de Vergílio Taborde: “Se há no país região onde se emigra, ela é decerto Trás-os-Montes” (217). Neste poema, emigrante e poeta têm de aprender a contrariar o desequilíbrio do destino; o emigrante porque o solo em que nasceu é pobre e o clima rigoroso, o poeta porque as palavras mal colocadas e a fugacidade do seu registo podem significar a morte. Aliás, uns outros versos sublinham isso mesmo: o rio “ora cerra ouvidos quando o interpele,/ ora me deixa claro insuportavelmente/ Que sintaxe há uma só:/ a que escreve o aparo das águas/ na própria superfície” (*Têmporas* 58). A escrita invisível da água é porventura a mais duradoura, a que não sofre a erosão do tempo, pois move-se, flui.<sup>9</sup> É a escrita da memória. Regresso ao texto “Água ágil, pedra estável” acima referido, para de novo salientar a distinção assinalada por A. M. Pires Cabral em relação aos transmontanos: “A água-aventureira. A pedra – taciturna. (...) Água e pedra. Ambas as coisas somos em potência, nascidos de uma terra que só muito rogada se desentranha em frutos” (*Antologia* 15). A água e a pedra representam, além disso, o apego à terra daqueles que, imitando a pedra, a amam “em presença” e aqueles que, imitando a água, a amam “em memória”(Ibidem). Uma afirmação que ilustra a ideia de que se os lugares de eleição, aqueles que fundaram a nossa identidade, deixam de existir materialmente, se podem ainda encontrar essas paisagens alojadas na memória, nelas residindo a possibilidade de salvação

pessoal e colectiva. Assim, reafirmo o que me parece ser claro: os aspectos físicos e culturais de Trás-os-Montes influenciam a poesia de A. M. Pires Cabral e a forma como as suas personagens vêem o mundo. Ou seja, o contacto com a região, o solo, o clima, as culturas, o povoamento molda o indivíduo – emocional e socialmente.

Um apontamento final para sublinhar a ideia de que partindo da realidade geográfica e humana de Trás-os-Montes, a poesia de Pires Cabral se afirma como um lugar poético sobre a realidade do homem e do seu diálogo com a terra; partindo da pedra e da água, elementos reais da geografia transmontana, o poeta fala da força e da fragilidade da condição humana. Lugares de pedra e de água – vivências da paisagem exterior e interior. A pedra estável, permanente, resistente; a água ágil, expressão de vida (mas também de morte), de movimento e de transformação. O meu ponto de partida foi o território do poeta, a “terra com a sua constituição geológica, a forma do seu relevo, a sua relação com a água, com a temperatura e com o regime dos ventos predominantes” (Mattoso 15). Mas uma terra e uma geografia entendidas aqui como “uma escritura a decifrar e cuja significação última remete ao movimento da existência” (Besse 94). Ou seja, quando apresento A. M. Pires Cabral como um poeta da paisagem estou a assinalar o seu profundo envolvimento com a terra, as gentes, a comunidade de uma região. Sugiro, por isso, que a sua poesia traz agarrada muita da realidade que o autor terá contemplado, vivido, sentido e que o poder estético e evocativo da linguagem transforma em locais onde se vislumbra, acima de tudo, a realidade da experiência humana. A associação do poeta às paisagens de Trás-os-Montes não constitui obstáculo a que estas sejam uma realidade viva na sua poesia; pelo contrário, representam e sustentam a continuação do antiquíssimo e permanente diálogo entre o ser humano e o mundo envolvente. Portugal, acredito, necessita de textos que promovam este diálogo e que aliciem a uma visão mais integradora e respeitadora da natureza e da paisagem. A partir do valor da pedra e da água inscrito na poesia de Pires Cabral, quis sublinhar uma perspectiva mais global, aquela que aspira a uma mais ampla compreensão do mundo natural e da interdependência entre este e o ser humano. Por isso, sublinho a visão legada pela poesia de A. M. Pires Cabral: “relacionar-se com a terra não significa enraizamento num lugar; pelo contrário, parte-se de um lugar para a significação do mundo, para o entendimento da existência humana” (Besse 94).

Regresso ao pensamento de Luisa Bonesio para reforçar a ideia de que em tempo de não-lugares, na expressão de Marc Augé, é necessário “voltar a pensar o lugar” (207), reavivar o sentido de pertença, e de suscitar uma nova consciência sobre o facto de a ‘paisagem’ “ser a síntese expressiva e dinâmica da vida, dos indivíduos e da comunidade” (204). A poesia de Pires Cabral ilustra, no meu entender, a possibilidade de nos inclinarmos sobre a paisagem – real e literária – e fazermos dela uma expressão - individual e colectiva – do nosso tempo.



Terras de Alvites, com a Serra de Bornes ao fundo

## Notas

1 No âmbito do projecto “Atlas Literário de Portugal Continental”, IELT/FCSH-UNL, realizou-se, em 30 de Outubro de 2012, o Colóquio **Vozes Transmontanas na Paisagem**. Dele resultou este trabalho escrito e um trabalho-video realizado por José Barbieri e que pode ser visualizado em <http://www.youtube.com/watch?v=DVTyNiMrm3U>. Tal como surge no vídeo, a sequência dos poemas pretende ilustrar as paisagens essenciais de A. M. Pires Cabral. A saber: Alvites, Serra de Bornes, Alvão e Douro.

2 Segundo Taborda, a região duriense “corresponde pelas suas características geográficas à margem fronteira beiroa do Douro” (4).

3 Distinção presente também em *Portugal – O Sabor da Terra*; ao referir-se o carácter “intocado, natural” da paisagem transmontana, pode ler-se: “nisto distingue-se profundamente do rio Douro e



mesmo da “Terra Quente” que penetra Trás-os-Montes através dos vales dos grandes rios, a partir da sua vertente meridional” (Mattoso 144-5).

4 Definição que surge na entrevista concedida a Carlos Vaz Marques, e publicada na revista *Ler*, Outubro de 2008: 28-39.

5 *Antes que o Rio Seque: Poesia Reunida* (2006), 12. A partir de agora referida no texto como *Antes*.

6 *Aquí e Agora Assumir o Nordeste: Antologia de Textos de A. M. Pires Cabral* (2011). A partir de agora referida no texto como *Antologia*.

7 São já vários os poemas de Pires Cabral sobre esta aldeia (2 em *Algures a Nordeste*, um outro em *O Livro dos Lugares e Outros Poemas*), algo que ilustra o regresso do poeta a este lugar.

8 (*Antes* 242).

9 *Le illeggibili pagine dell'acqua* - título escolhido para a antologia de poemas de A. M. Pires Cabral traduzidos para italiano por Giorgio de Marchis.

## Bibliografia

BESSE, Jean-Marc. *Ver a Terra: Seis Ensaios sobre a Paisagem e a Geografia*. São Paulo: Perspectiva, 2000.

BONESIO, Luisa. “Habitar a Terra e Reconhecer-se nos Lugares”. *Filosofia e Arquitectura da Paisagem: Um Manual*. Adriana Veríssimo Serrão (coord.). Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2012: 203-210.

CHEVALIER, Jean; Alain Gheerbrant. *Dictionnaire des Symboles*. Paris: Éditions Robert Laffont S.A. et Éditions Jupiter, 1990.

GUERREIRO, António. “A prosódia da natureza”. *Expresso*, 18 Abril 2009.  
Horta, Maria Teresa. “Um Homem Autovigiado” *Diário de Notícias*, 4 Dezembro 1992.

LEOPLD, Aldo. “A Ética da Terra”, in *Pensar como uma Montanha*. Trad. Gabinete de Tradução das Edições Sempre-em-Pé, Águas Santas: Edições Sempre-em-Pé, 2008: 188-207.

PIRES, Cabral, A. M. *Artes Marginais*. Viseu: Guimarães Editores, 1998

----. *Antes que o Rio Seque*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2006.

----. *As Têmporas da Cinza*. Lisboa: Cotovia, 2008

----. “Hoje já não é tempo”. *Ler*. Outubro 2008: 28-39.

----. *Arado*. Lisboa: Cotovia, 2009

----. *Aqui e Agora Assumir o Nordeste. Antologia*. Seleção e organização de Isabel Alves e Hercília Agarez. Lisboa: Âncora Editora, 2011.

MAGALHÃES, Joaquim Manuel. “Sobre a Poesia de A. M. Pires Cabral”. *Artes Marginais*. Lisboa, Guimarães Editores, 1998, 157-169.

MATTOSO, José, Suzanne Daveau, Duarte Belo. *Portugal: O Sabor da Terra*. Lisboa: Temas e Debates, 2010.

ROLIN, Olivier. *Paisagens Originais*. Trad. Jorge Fallorca. Lisboa: Asa, 2000.

TABORDA, Vergílio. *Alto Trás-os-Montes. Estudo Geográfico*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2011 [1932].

UNAMUNO, Miguel de. *Paisajes del alma*. Madrid: Alianza Editorial, 2006.

## Nótula bio-bibliográfica

**A. M. Pires Cabral** nasceu no concelho de Macedo de Cavaleiros em 1941. É licenciado em Filologia Germânica pela Universidade de Coimbra. A sua atividade literária estende-se pelas áreas da poesia, ficção, teatro, crónica, antologia e ensaio. Estreou-se em 1974 com *Algures a Nordeste*, poesia, e tem publicadas cerca de 50 obras. Está representado em inúmeras antologias e tem colaboração dispersa por numerosas publicações. Uma recolha de poemas seus está traduzida para alemão com o título *Irgwedwo im Nordosten* (bilingue), o conto “Vilar Frio” foi publicado em França (também em edição bilingue), o romance *O Cónego* foi traduzido para italiano, o livro de poemas *Algures a Nordeste* para castelhano (*En algun lugar al nordeste*), saiu uma antologia poética em italiano (*Le illegibbile pagine dell’aqua*), tem poemas traduzidos para inglês na *Poetry International Web* e textos narrativos traduzidos para castelhano e húngaro.

Recebeu os seguintes prémios literários:

1. Prémio Literário “Círculo de Leitores” 1983, com *Sancirilo*.
2. Prémio D. Dinis 2006, com *Douro: Pizzicato e Chula e Que Comboio é este*.
3. Grande Prémio de Literatura DST 2008, com *O Cónego*.
4. Prémio de Poesia “Luís Miguel Nava” 2009, com *As tēmporas da cinza*.
5. Prémio de Poesia do PEN Clube 2009, com *Arado*
6. Grande Prémio de Conto ‘Camilo Castelo Branco’ APE / Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão 2010, com *O porco de Erimanto*.

Animador cultural, foi um dos responsáveis pela organização das «Jornadas Camilianas», que se realizaram durante oito anos consecutivos em Vila Real. Integrou a Comissão Nacional para as Comemorações Camilianas (1990) e presidiu à Comissão Instaladora do Círculo Cultural Miguel Torga.

A. M. Pires Cabral, homem de fundas raízes rurais, tem procurado dar voz, na sua obra, à cultura popular trasmontana. Uma parte muito significativa da sua obra literária tem como referente a realidade social de Trás-os-Montes.

**Isabel Maria Fernandes Alves** nasceu em Carva – Murça- Vila Real. Licenciatura em Línguas e Literaturas Modernas (Estudos Portugueses e Ingleses), pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1987. Professora de estudos anglo-americanos na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro desde 1988, fez um doutoramento sobre a escritora americana Willa Cather - Fragmentos de Memória e Arte: Os Jardins na Ficção de Willa Cather. Nos últimos anos, e para além de estudar autores americanos - Henry D Thoreau, Sarah O. Jewett, Ruth Suckow, Barbara Kingsolver, Jamaica Kincaid, Mary Oliver -, tem vindo a interessar-se pela relação entre literatura e paisagem, pela escrita sobre a natureza e 'ecocriticism'. Tem também desenvolvido estudos na área da literatura comparada; escreveu sobre Júlio Dinis, Miguel Torga e A.M. Pires Cabral.



## LITESCAPE.PT – Paisagens literárias de Portugal Continental

É uma série académica que inclui artigos, ensaios, crónicas e outras narrativas, que explora a relação entre a paisagem e a literatura. Publicam-se trabalhos de investigação desenvolvidos no quadro do projecto “Atlas das Paisagens Literárias de Portugal Continental” (<http://paisagensliterarias.ielt.org>) e outros textos de temáticas relacionadas.